**O ESTÁGIO NO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO: REFLEXÃO SOBRE A PRÁXIS PEDAGÓGICA**

Carla Eduarda Wermuth[[1]](#footnote-1)

Joice Kothe[[2]](#footnote-2)

Maria Preis Welter[[3]](#footnote-3)

**RESUMO**

O presente artigo tem por finalidade propalar o aprendizado desenvolvido durante o processo de Estágio Supervisionado III – Gestão e Docência no Ciclo da Alfabetização e Letramento. A educação tem passado por muitas mudanças, muitas delas em função das tecnologias. O papel do professor é promover uma educação com uma aprendizagem significativa, e isso é fundamental para o convívio social dos alunos. Como embasamento teórico para a realização da prática, utilizou-se os seguintes autores: Dubeux e Souza (2012); Brito (apud SEE de MG, 2014); Schneuwly, Dolz e colaboradores (2004); (SOARES, 2010), entre outros. O artigo visa trazer a realização do estágio obrigatório realizado com o 3º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, tendo como tema “Solo”, desenvolvido a partir da sequência didática.

**Palavras-chave:** Estágio; Alfabetização e Letramento; Sequência Didática; Aprendizagem significativa.

**ABSTRACT**

This article aims to promote the learning developed during the process of Supervised Internship III - Management and Teaching in the Literacy Cycle. Education has undergone many changes, many of them due to technology. The teacher's role is to promote an education with meaningful learning, and this is fundamental for the social interaction of the students. As the theoretical basis for the practice, the following authors were used: Dubeux and Souza (2012); Brito (apud SEE of MG, 2014); Schneuwly, Dolz et al. (2004); (SOARES, 2010), among others. The article aims to bring about the completion of the compulsory internship held with the 3rd year of the early years of elementary school, with the theme "Soil", developed from the didactic sequence.

Keywords: Internship; Literacy; Didactic Sequence; Meaningful learning

**1INTRODUÇÃO**

Todos têm a responsabilidade de conservação e preservação do solo, porém o professor e a escola estimulam os alunos para que tenham cuidado e sensibilidade com o meio em que vivem. Este foi o principal objetivo na realização da prática do estágio supervisionado, tendo como tema o solo.

 O presente artigo refere-se ao Estágio Supervisionado III – Gestão e Docência no Ciclo da Alfabetização e Letramento, realizado na escola Casa do Estudante[[4]](#footnote-4) com a turma do 3º ano do ensino fundamental, vespertino. O estágio partiu do planejamento de uma sequência didática, que teve como atividade inicial uma história em forma de teatralização, conhecida como “Chapeuzinho Marrom”. O conteúdo da sequência didática - solo - foi por indicação da professora titular da turma, tema que foi abordado de forma dinâmica e interdisciplinar.

 O artigo aborda sobre alfabetização e letramento, a sequência didática como proposta para a mediação da aprendizagem e a importância da ludicidade no processo de alfabetização, em especial a literatura infantil e os jogos matemáticos.

**2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

 Na contemporaneidade tem-se atribuído um conceito abrangente para alfabetização e letramento. Também ressalta-se que elas são importantes para a vida de todo ser humano, pelo fato de ser permanente, se estender por toda a vida.

Por muito tempo possuía-se métodos para a alfabetização com uma visão equivocada sobre a escrita alfabética, por exemplo o empalhamento de imagens e palavras. Conforme estes métodos a criança seria uma “tábula rasa” (SOARES, 2010), repetindo informações prontas, que foram introduzidas pelos professores. Dessa forma, para aprender a ler e escrever seria apenas necessário ter habilidades motoras para traçar as letras e decorar a sequência que se estabelecia.

No século XXI há teorias que buscam refletir a utilização desses métodos que por si só não geram bons resultados, comprometendo a alfabetização das crianças. Quando foram utilizados, muitas crianças sabiam nomear as letras, mas continuavam sem compreender o contexto e uso das mesmas no seu cotidiano, sendo o foco a repetição e reprodução da escrita. Autores como Magda Soares (2010), Emília Ferreiro (1986) e Ana Teberosky (1986) estudaram essa dimensão e apresentaram ações pedagógicas de alfabetizar letrando.

 Ao pensarmos no processo de ensino-aprendizagem da escrita na escola, define-se letramento como “ [...] o conjunto de práticas de leitura e produções de textos escritos que as pessoas realizam em nossa sociedade, nas diferentes situações cotidianas formais e informais” (MORAIS; LEITE, 2012). Juntamente com o letramento, temos a alfabetização. Magna Soares (2010, p.15) conceitua alfabetização em seu sentido próprio, específico: “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. Dessa forma, alfabetizar-se é o ato de ler e escrever, codificar e decodificar códigos linguísticos. A alfabetização e o letramento podem estar presentes na aquisição do SEA (Sistema de Escrita Alfabética) de algum indivíduo, pois com elas é possível alfabetizar sem que o aluno aprenda somente através das repetições.

A teoria da psicogênese da língua escrita, de Ferreiro e Teberosky (1986), constitui-se em, conforme as autoras, em cinco níveis de apropriação da escrita alfabética que as crianças vivenciam, em tempos distintos, mas todas presenciam os mesmos em algum momento de sua vida. Eles são nomeados de: nível pré-silábico, intermediário I, silábico, silábico alfabético e alfabético.

 No período pré-silábico,

a criança ainda não entende que o que a escrita registra é a sequência de “pedaços sonoros das palavras. Num momento muito inicial, a criança, ao distinguir desenho de escrita, começa a produzir rabiscos, bolinhas e garatujas que ainda não são letras. Á medida que vai observando as palavras ao seu redor [...] ela passa a usar as letras, mas sem estabelecer relação entre elas e as partes orais da palavra que quer escrever (MORAIS; LEITE; 2012).

É nesse período que a criança reproduz traços, rabiscos e desenhos sem ter noção do mundo letrado, somente a criança entende a palavra que reproduziu, ela utiliza sua imaginação para representar uma palavra, que a maioria das vezes é um desenho juntamente com números.

Conforme Ferreiro e Teberosky (1986), no período intermediário I, a criança diferencia letra de números, nesse momento o grafismo se aproxima com o formato de uma letra, busca representar os sons mais altos.

 No período silábico, conforme Morais e Leite (2012), a criança percebe que as letras que escreve no papel têm a ver com a pronúncia que realiza. É nesse momento que a criança demonstra as pausas sonoras das palavras, pois busca relacionar as sílabas que acabou de ler com as letras que colocou no papel.

Já no período silábico-alfabético a criança percebe que o esquema de uma letra para cada silaba não funciona, e assim, procura acrescentar letras a escrita. Ela começa a entender que a escrita tem a ver com os sons das palavras (FERREIRO; TEBEROSKY,1986).

 É no período alfabético, conforme Ferreiro e Teberosky (1986), que a criança conclui a parte da alfabetização, identifica as silabas, os sons e os códigos da linguagem escrita; a criança escreve como se fala.

Os níveis de apropriação do sistema alfabético necessitam dos educadores e familiares muita atenção, paciência e compreensão em suas tentativas de erros e acertos, ao apresentar uma hipótese alfabética, classificadas por Ferreiro e Teberosky (1986). A criança só consolida os níveis quando compreende e domina o fonema com os respectivos grafemas, mesmo que ocorram trocas ortográficas.

Esse é um aprendizado de tipo não conceitual, que vai requerer um ensino sistemático e repetição, de modo a produzir automatismos. A consolidação da alfabetização, direito de aprendizagem a ser assegurado nos segundo e terceiro ano do primeiro ciclo, é que vai permitir que nossas crianças leiam e produzam textos com autonomia (MORAIS; LEITE, 2012).

Nesse processo é fundamental não pular etapas ou forçar a criança, pois se consideravelmente saudável irá evoluir com estímulos e exercitando as hipóteses de leitura e escrita, considera-se que um conhecimento novo só é capaz de surgir a partir de um conhecimento anterior. Assim precisamos ter consciente que uma criança pré-silábica não é capaz de se tornar alfabética com uma aula, explicando grafemas e fonemas sem contextualização e práticas.

Para obter uma boa alfabetização e letramento, desenvolver os níveis, é necessário ter uma organização do trabalho pedagógico, um planejamento muito claro sem prejudicar a rotina escolar dos alunos. A rotina possui uma função essencial para que os estudantes tenham um bom desempenho escolar. Barbosa (2006, p.35) relata que,

Rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturaram para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil. As denominações dadas a rotina são diversas: horário, emprego do tempo, sequência de ações, trabalho dos alunos e das crianças, plano diário, rotina diária, jornada, etc.

Desta forma, pode-se considerar que a rotina é necessária nos ambientes alfabetizadores, pois facilita o desenvolvimento e a organização das atividades que o docente pretende realizar nas aulas.

2.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA PROPOSTA PARA MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

É de suma importância trabalhar com as crianças conteúdos ligados as diversas áreas do conhecimento, para isso utiliza-se metodologias pedagógicas, como a sequência didática, que tem como finalidade trabalhar de maneira interdisciplinar a organização do conteúdo programático.

A sequência didática é uma metodologia de ensino utilizada para a organização do trabalho pedagógico, formada por uma sequência de atividades envolvendo a interdisciplinaridade. Conforme Dubeux e Souza (2012, p.27)

[...] a sequência didática consiste em um procedimento de ensino, em que um conteúdo especifico é focalizado em passos ou etapas encadeadas, tornando mais eficiente o processo de aprendizagem. Ao mesmo tempo, a sequência didática permite o estudo nas várias áreas de conhecimento do ensino, de forma interdisciplinar.

 O professor ao elaborar uma sequência didática, precisa planejar de forma interdisciplinar, para envolver mais de uma disciplina, assim aprimorar o trabalho pedagógico.

Sequência didática é um trabalho pedagógico sistematizado de forma sequencial, elaborado pelo professor para um tempo limitado, trabalhando conteúdos sobre determinado tema, como um gênero textual, uma brincadeira ou uma forma de expressão artística (DUBEUX; SOUZA, 2012).

Além disso, Brito (apud SEE de MG, 2014) cita que a sequência didática “é um trabalho planejado em função de um objetivo didático muito determinado”. Por isso o professor precisa ter cuidado nos passos para a elaboração da sequência, para ela ter um sentido adequado.

 Conforme Nery (2007 apud DUBEUX; SOUZA, 2012, p.27) a sequência didática se difere do projeto pelo fato de não ter necessariamente um produto final, apesar de estabelecer produtos a serem criados com as crianças no final dos trabalhos, ou durante as aulas. É importante que as crianças saibam que vão produzir algo a ser socializado com demais sujeitos, pois assim vai trabalhando também o convívio dos alunos em sociedade.

 Para Schneuwly, Dolz e colaboradores (2004 apud DUBEUX; SOUZA, 2012, p.27), a sequência didática tem uma estrutura base e segue a um esquema: apresentação da situação/conhecimento prévio; produção inicial; módulos; produção final e avaliação.

A apresentação da situação consiste em expor aos alunos, de forma detalhada, a tarefa que será realizada e prepará-los para a produção inicial. Dessa forma, a primeira produção, - oral ou escrita – o professor avalia os conhecimentos dos alunos em relação a atividade proposta, visando as capacidades que precisam ser desenvolvidas. E é a partir desta produção inicial que ele vai preparar a sequência das atividades para que os alunos compreendam o conteúdo programado (DUBEUX; SOUZA, 2012).

Além disso, essas atividades são propostas para cada disciplina que o professor trabalha, como por exemplo, se ele trabalha português e matemática terá que trazer atividades relacionas para as duas disciplinas, trabalhando assim a interdisciplinaridade.

Os módulos são as atividades que serão realizadas. São os módulos que trabalham a necessidade do aluno, o problema que foi apresentado na avaliação inicial, nesse momento encontramos o ensino em forma sistematizada e aprofundada. Alguns exemplos de atividades que podem ser trabalhadas nos módulos são as interpretações orais, ditados, visita de estudos, roda de conversa, entre inúmeras outras que o professor adapta de acordo com os alunos (DUBEUX; SOUZA, 2012).

Por último, na produção final, o aluno apresenta os conhecimentos que foram construídos, nesse momento, acontece a avaliação do professor pelo processo de aprendizagem que o aluno passou. E ainda se o professor conseguiu atingir os objetivos propostos (DUBEUX; SOUZA, 2012).

Em vista disso, o professor tem um amplo caminho para trabalhar, tem inúmeras possibilidades, estratégias e faz fluir a imaginação tanto dele como dos alunos, que a cada dia trazem novas experiências a serem compartilhadas e desafios para serem enfrentados e superados.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A literatura infantil precisa estar muito presente na vida das crianças e traz uma grande contribuição para o desenvolvimento e o processo de ensino aprendizagem.

A contação de histórias estimula constantemente a imaginação da criança, vai muito além do que o adulto imagina. De certa forma, a criança pode se espelhar nos personagens, como também imaginar uma nova história a partir da história que foi contada, por isso é necessário ter cuidado ao escolher os contos, uma vez que a história influencia no desenvolvimento do aluno.

 A literatura infantil transmite uma serie de sentimentos, conforme Abramovich (1989, p.18):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tanto outras mais, e viver profundamente tudo o que a narrativas provocam em que as ouvem [...].

Vale salientar que é a partir das emoções que as histórias trazem que o processo de alfabetização do aluno é desenvolvido com maior facilidade, no momento em que o professor une alfabetização e literatura, a criança além de ampliar seu vocabulário, desenvolve conhecimento, exercitando o seu imaginário.

Dessa forma, necessita-se um ambiente escolar aonde o professor crie momentos com leituras individuais, em voz alta para os demais colegas, para que o aluno reconheça sua voz, praticando a oralidade e a superação da timidez perante o público. A leitura na escola não é somente para aprender a ler, mas também estimular o gosto pela leitura, utilizando o lúdico.

...a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. (ZILBERMANN, 1978, p.16 citado por BARROS, 2013, p.24).

Para tanto, deve-se levar em consideração que muitas crianças possuem o primeiro contato com histórias ao chegar à escola. É nesse momento que o papel do professor é muito importante, pois com sua metodologia para contar histórias ele poderá semear a paixão ou o desencanto pela literatura.

O ambiente escolar não desempenha só a função de ensinar a ler, mas sim, ensinar a ler criticamente, interpretando os diferentes tipos de leitura, evitando a reprodução de desigualdades sociais. É necessário a escola considerar a leitura como meio para a conscientização e construção de saberes, buscando estratégias, inovações para que todos os alunos usufruam o desenvolvimento da leitura e escrita, fazendo destas uma prática diária em todas as fases da vida escolar.

Em síntese, a alfabetização é fundamental para as crianças e a literatura quando for praticada se torna muito prazerosa, e quando o professor juntar as duas, a tendência é melhorar o ensino aprendizagem.

2.3 JOGOS MATEMÁTICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

O jogo e a brincadeira podem ser vistos como algo mágico pelas crianças e adolescentes, pois as fazem ir além do real, do natural, e invadem um mundo de imaginação e encantamento.

É importante analisar que o jogo pode auxiliar na construção de conhecimentos, bem como no aprofundamento do que já foi estudado, também na revisão de conceitos já aprendidos, servindo como avaliação pelo professor, ou auto avaliação pelo aluno (STELMASTCHUK; ROLKOUSKI; MOTTER, 2014, p.05).

Conforme Stelmastchuk, Rolkouski e Motter (2014, p.05), quando os jogos forem trabalhados de forma adequada, além dos conceitos, oportunizam aos alunos desenvolver a capacidade de analisar, organizar, argumentar e refletir, bem como atitudes de aprender a ganhar e aprender a perder, trabalhar em equipe, respeitar regras, entre outras.

Quanto ao papel do professor no desenvolvimento de jogos, este é essencial para que o ato de jogar na escola auxilie na aprendizagem, pois sem intencionalidade pedagógica pode ocorrer de utilizar o jogo sem explorar os aspectos educativos, perdendo parte da sua potencialidade.

É importante salientar que ao utilizar os jogos não será possível pedir silêncio. Conforme Stelmastchuk, Rolkouski e Motter (2014, p.06), “muita conversa, risada, gargalhadas, pequenas divergências e até gritos eufóricos, decorrentes da própria atividade do jogo, fazem parte da aula, e devem ser compreendidos como parte importante do aprendizado naquele momento”.

Para que haja o máximo de exploração do jogo, o professor poderá utilizar diferentes estratégias antes, durante e depois do jogo. As estratégias são inúmeras, algumas que o professor pode utilizar são as formas de ler as regras, a discussão, acompanhar o andamento do jogo, perceber as dificuldades e a postura das crianças, socialização e reflexão.

Na prática de estágio foi desenvolvido o jogo “problema estourado”, com o qual teve-se como objetivo vivenciar as operações de adição, subtração, multiplicação e divisão por meio de um jogo matemático. O jogo foi desenvolvido da seguinte forma, a turma foi dividida em dois grupos, em seguida um de cada grupo se dirigia até o quadro, estourava um balão e dentro dele tinha um problema. O aluno pegava o problema e se reunia no grupo e liam em conjunto, em seguida eles interpretavam para ver qual operação que precisavam resolver.

Na squência cada aluno resolvia em sua folha o cálculo, e quem terminava auxiliava os colegas. Consider-ase que esta foi uma vivência muito significativa, pois as crianças se envolveram e não mediam esforços para ajudar os colegas, para que eles também conseguissem chegar ao resultado.

**3 ANÁLISE E REFLEXÃO DA PRÁTICA DOCENTE**

O estágio desenvolvido no Ciclo da Alfabetização e Letramento foi essencial para a formação acadêmica e preparação para o futuro exercício da docência, em especial no ciclo da alfabetização. Assim, considera-se que o estágio foi uma experiência pedagógica incrível. É pertinente ressaltar a ótima acolhida pela turma e escola em geral.

Para o desenvolvimento do estágio teve-se primeiramente a realização do diagnóstico com uma semana de observação, na qual participamos da rotina escolar e, a partir desta, em conversa com a professora titular, repassou o conteúdo “solo” para mediar na semana de prática. O diagnóstico foi impressindível para a realização do planejamento da sequência didática.

O planejamento foi elaborado objetivando agregar muito na vida dos estudantes, trazendo as mais variadas atividades, e de certa forma tudo o que foi mediado e trabalhado durante todos os semestres no curso de Pedagogia. Dessa forma, procurou-se fazer uso constante da ludicidade, pois como nos afirma Dohme (2003, p.111) que “[...] as atividades lúdicas podem desenvolver diversas habilidades e atitudes interessantes no processo educacional [...]”. O autor ainda considera que

[...] as atividades lúdicas [...] farão com que cada um venha a se conhecer melhor e se sentir desafiado a desempenhar melhor. Atender bem um desafio seja ele artístico, físico ou intelectual irá trabalhar com sua autoconfiança que irá se estender, no futuro à crença de conseguir vencer desafios mais audaciosos (DOHME,2003, p.125).

A metodologia para a mediação se deu através de uma sequência didática, utilizando como metodologia a contação de história, pois é através dela que a criança viaja livremente pelo mundo imaginário, transmitindo uma serie de emoções. Dohme (2003, p.91) afirma que:

As histórias transportam o ouvinte para outro mundo, o mundo da fantasia e sua narrativa cuidadosa permite que o ouvinte sinta novas e diferentes emoções. Isto amplia a sua visão, que sai da limitação do que pode perceber ao seu redor no dia-a-dia, para ter contato como outras emoções e sensações que a fantasia desperta.

Dessa forma, ocorreu a contação da história “Chapeuzinho Marrom”, que teve como foco principal o solo, sendo uma história adaptada pelas acadêmicas.

Para a produção inicial foram formados grupos, para de forma criativa demonstrar os conhecimentos referente o solo em um cartaz, a mesma foi realizada através de desenhos e explicações dos alunos sobre cada item colocado. Ao analisar as produções, considera-se que a atividade foi realizada com muito sucesso e aproveitamento.

Na disciplina de artes realizou-se um desenho com materiais da natureza, revelando vários artistas com suas lindas obras.

Em todo momento buscou-se atividades de cooperação, todas foram muito proveitosas e divertidas. Moscovici (2003, p.35) salienta que:

O relacionamento interpessoal pode tornar-se e manter-se harmonioso e prazeroso, permitindo trabalho cooperativo, em equipe, com integração de esforços, conjugando as energias, conhecimentos e experiências para um produto maior que a soma das partes, ou seja, a tão buscada sinergia.

Nessa linha de pensamento, precisa-se relembrar o quão importante é trabalhar a cooperação com os alunos, desde cedo. Um bom relacionamento interpessoal é favorável para um clima agradável em todo o ambiente escolar, tornando os estudos mais prazerosos tanto para o aluno como o professor (MOSCOVICI, 2003).

 Na disciplina de matemática foi proporcionado um jogo, “problema estourado” aonde os alunos puderam trabalhar em grupos, cooperando na resolução dos problemas. Eles, além de ler em grupo o problema, tiveram que descobrir qual operação teriam que usar para resolvê-lo. Ao avaliar esta atividade, considera-se que esta foi uma experiência incrível, pois desenvolveu-se a essência de trabalho em grupo e a cooperação .

**Figura 01: Problema estourado**



Fonte: Arquivo próprio das autoras, 2019.

Compreende-se assim que o estágio trouxe um vasto conhecimento e contribuições para a formação profissional, bem como a vida pessoal. Considera-se que foi possível vivenciar muitas experiências novas e significativas, todas muito gratificantes.

A partir das principais atividades, pode-se afirmar que a prática docente trouxe superação, autonomia, dedicação, aprendizagem, flexibilidade e principalmente encantamento. Foi uma oportunidade única que nos estimulou ainda mais para continuar nossa formação.

**4 CONSIDERAÇÕES**

Considera-se que o estágio foi uma etapa muito importante na formação docente, pois proporcionou experiência através da práxis, ou seja, a relação entre as teorias estudadas no curso e a prática no campo de estágio.

Da mesma forma, os alunos tiveram grande aprendizagem através da sequência didática, metodologia utilizada na mediação. Também considera-se importante, na mediação da alfabetização e letramento, a utilização da literatura e dos jogos pedagógicos.

Também destaca-se a importância da realização do diagnóstico e do planejamento para obter um bom resultado no processo de alfabetização e letramento, pois é necessário ter uma organização do trabalho pedagógico, um planejamento muito claro, levando em consideração a rotina escolar dos alunos. Ainda enfatiza-se a relevânia da avaliação contínua, realizada através da observação e dos registros diários.

Em suma, ao analisar a prática docente, considera-se que esta proporcionou uma experiência muito proveitosa, com muita dinâmica, respeito e afetividade. Assim, acredita-se que sorrir e chorar faz parte desse processo maravilho, pois não há como tudo ocorrer como planejado, mas nem é por isso deve-se deixar de dar o melhor, pois com as derrotas nos tornam fortes quando enfrentado com um olhar diferenciado, de aprendizado. Todos os desafios e as todas as dificuldades foram compensadas com as palavras maravilhosas dos alunos, solicitando para dar continuidade a mais uma semana. Gratidão resume nossa prática docente, uma vivencia e experiência inesquecível, que levaremos para o resto de nossas vidas.

**REFERÊNCIAS**

ABRAMOVICH, fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. Scipione,1989.

BARROS, Paula Rúbia Pelloso Duarte. **A Contribuição da literatura infantil no processo de aquisição da leitura**. Lins- SP, 2013.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força:** rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRITO, Luiz Percival Leme. SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERIAS. **Roda de Conversa**: Sequência didática em debate - Bloco 1. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aXlaYPACUDE>. Acesso: dia 03 de outubro de 2018.

DUBEUX, Maria Helena Santos, SOUZA Ivane Pedroza de. Organização do trabalho pedagogico por sequencia didáticas. In: **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** Planejando e alfabetizando; integrando diferentes áreas do conhecimento – projetos didáticos e sequencias didáticas. Ano 01, unidade 06 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.

FEREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MORAIS, Artur Gomes de e LEITE, Tânia Maria S. B. Rios. **A escrita alfabética: por que ela é um sistema notacional e não um código? Como as crianças dela se apropriam?** In: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:A aprendizagem do sistema de escrita alfabética: ano 1: unidade 3/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasilia: MEC, SEB, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

STELMASTCHUK Anne Heloíse C. Sobczak, ROLKOUSKI Emerson e MOTTER Justina C. Maccarini. Jogos na Educação Matematica. In: **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** Jogos na Alfabetização Matemmática / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2014.

1. Acadêmica do 4º semestre de Pedagogia, do Centro Universitário UCEFF, wermuth.carla@outlook.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Acadêmica do 4º semestre de Pedagogia, do Centro Universitário UCEFF, joicekothe2011\_@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Professora orientadora do curso de Pedagogia, do Centro Universitário UCEFF, pedagogia.itapiranga@uceff.edu.br [↑](#footnote-ref-3)
4. Nome fictício utilizado para não identificar o nome da escola onde foi realizado o estágio. [↑](#footnote-ref-4)